

Rio



DEPUTADA LUCINHA
Julgamento no Conselho de Ética da Alerj

Relator do processo será escolhido hoje, parlamentar sente o braco político da mobilização Zinho



UM RIO DE DADOS

Censo 2022 atualiza a distribuição dos cariocas pelos bairros da cidade



Na sossego do lar. Em 2021, Luiz Henrique de Oliveira Trovati, Jacarepaguá, pela Lapa, um dos quatro bairros da cidade com média de um morador por domicílio e Centro, Flamengo e Glória completam a lista

LUÍZ ERNESTO MAGALHÃES
E MORAIS DE SOUZA
globe@globo.com.br

Em meados de 2019, diante de relatos constantes de assaltos na vizinhança, a família da estudante de odontologia Laura Bertolotti, de 22 anos, decidiu se mudar da Zona Norte para a Zona Oeste. Os pais da estudante, com perfil de classe média, trocaram Irajá pelo Recreio dos Bandeirantes. A iniciativa da família de Laura não é caso isolado. Dados preliminares do Censo 2022, compilados pelo Instituto de Urbanismo Pereira Passos (IUPP), da prefeitura, mostram como a distribuição da população pelos bairros da cidade mudou desde a pesquisa anterior, feita em 2010.

Entre um censo e outro, a Zona Norte sofreu um esvaziamento, enquanto a população da Zona Oeste aumentou de forma expressiva, ocupando áreas que nem sempre têm a infraestrutura adequada. Santa Cruz, por exemplo, ganhou 31.797 habitantes. Em menor proporção, Centro e Zona Sul também perderam moradores no período.

O Censo identificou um processo que já ocorre há anos na Zona Norte. Nenhuma política pública foi capaz de frear esse esvaziamento em uma área bem servida de infraestrutura urbana e de transportes. Va-

rios fatores explicam isso. Parte da população, por perda de poder aquisitivo, se muda para os bairros mais afastados da Zona Oeste (como Campo Grande e Santa Cruz) ou para favelas. E quem tem mais poder aquisitivo escolhe morar na Barra ou no Recreio. Com isso, a sensação de insegurança aumenta (na Zona Norte) — observa o geógrafo Rafael Winter, coordenador do Laboratório Geopol (Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Território), do Departamento de Geografia da UFRJ.

ÊXODO TIJUCANO

Em termos percentuais, a maior perda de população em toda a cidade também foi verificada na Zona Norte. O fenômeno se deu no pequenino Tijuca, entre Madureira e Irajá, que no passado concentrou indústrias e fábricas. O bairro, que perdeu, desde 2010, 32,7% de sua população, é vizinho do Morro do Cajueiro, uma área que há anos registra conflitos entre facções criminosas. Na mesma região, em números absolutos, Tijuca (21.479 a menos) e Vila Isabel (20.228) tiveram o maior êxodo de moradores.

O presidente da Associação Empresarial e de Moradores da Grande Tijuca, Jaime Miranda, emerge outros fatores, além da questão da segurança. Ele aponta a redução do ta-

MIGRAÇÃO INTERNA

Entre os censos de 2010 e de 2022, as localidades da cidade mais afetadas por variações populacionais

População total em 2010: 6.321.346
Diferença: -105.123
População total em 2022: 6.211.223



OS BAIRROS QUE MAIS PERDERAM MORADORES (NÚMEROS ABSOLUTOS)	OS BAIRROS QUE MAIS GANHARAM MORADORES (NÚMEROS ABSOLUTOS)
1 Tijuca (-21.479)	1 Jacarepaguá (66.685)
2 Vila Isabel (-20.228)	2 Recreio dos Bandeirantes (59.076)
3 Penha (-20.162)	3 Guaratiba (46.756)
4 Copacabana (-17.473)	4 Santa Cruz (31.797)
5 Complexo do Alemão (-16.842)	5 Hanhanga (29.554)

Fonte: Data Rio - Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos com base em informações do Censo 2022

VARIAÇÃO PERCENTUAL
1 Tijuca foi o bairro que mais perdeu moradores. Entre 2010 e 2022, a população diminuiu de 17.246 para 11.613 (-32,7%)
2 Camorim foi o bairro que mais ganhou moradores. Entre 2010 e 2022, a população aumentou de 1.970 para 4.669 (+137%)

CONTINUA NA PÁGINA 24

—Em Copacabana, essa redução tem anos. A partir da década de 1960 e até 2000, o bairro perdeu um terço de seus moradores. Copacabana sofre algo parecido com o que ocorre na Zona Norte. A cidade, que nasceu voltada para a Baía de Guanabara, optou por se expandir em outra direção — diz o arquiteto Carlos Fernando de Andrade, que desenvolveu tese de doutorado sobre o tema.

Ex-secretário municipal de Habitação e ex-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), Sérgio Magalhães diz que essa expansão é nociva para a própria cidade. —Infelizmente, esse é um fenômeno que ocorre em outras grandes cidades brasileiras, como São Paulo, Salvador e Brasília. Se não há um controle efetivo dessa expansão, quem perde é a cidade, que fica “mais pobre” porque precisa dispendir mais recursos para manter uma área urbana cada vez maior — explica o arquiteto.

ISOLAMENTO

Ao morar no Recreio, vindo do Irajá, Laura conta que a primeira impressão foi a de que o bairro inteiro estava de férias, a julgar pela quantidade de gente praticando caminhada e esportes ao ar livre. Esse foi lado bom, mas a mudança também cobrou seu preço nas dificuldades de transporte público. Com a oferta cada vez mais escassa de terrenos na Barra, as empreiteiras elegeram o Recreio como novo alvo de lançamentos. Em pouco mais de uma década, o total de moradores cresceu 71,2% — passou de 82,4 mil em 2010 para 141,3 mil pessoas. Enquanto isso, a população carioca diminuiu 1,58%.

O Recreio é muito isolado. Estudo na Ilha do Fundão (UFRJ) e, para chegar lá, pegou dois ônibus. Optei por entrar num grupo de carona e dividir o combustível do carro — conta Laura.

MORANDO SÓ

As estatísticas divulgadas pela prefeitura dizem mais sobre a cidade. Quatro bairros têm, em média, um morador por domicílio: Lapa (1,81), Centro (1,83), Glória (1,86) e Flamengo (1,99). O designer Luiz Henrique de Oliveira, de 33 anos, se mudou para a Lapa em 2021.

—Morava em Jacarepaguá com um amigo. Mas, como trabalho na Lapa, preferi morar perto do emprego a perder quase quatro horas no transporte público todos os dias. Agora, vou trabalhar de bicicleta — conta ele.

O IBGE classifica os dados compilados como preliminares porque podem sofrer alguns ajustes técnicos, mas que não comprometem o resultado final. Por sua vez, em nota, o IUPP informou que ainda não se aprofundou na análise dos dados sobre os bairros porque aguarda a liberação de mais informações dos setores censitários. Entre as informações a ser liberadas se encontram dados sobre faixa etária, emprego e renda dos moradores por região.

CURIOSIDADES

Menor população

Grumari, que fica numa área de preservação ambiental, tem apenas 184 moradores, 17 a mais do que o registrado no censo anterior.

Na contramão

Na Zona Norte, que perdeu habitantes entre 2010 e 2022, Acari, Barros Filho, Del Castilho, Rio Comprido e São Cristóvão ganharam mais moradores.

Imóveis vazios

Campo Grande é o bairro que tem o maior número de imóveis desocupados. Ao todo, o IBGE identificou 31.889 propriedades particulares sem uso.

Válvulas das favelas

Cidade de Deus, Maré e Alemão registraram redução de moradores. Por outro lado, houve aumento de população na Rocinha e no Vidigal.